

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

2º BIMESTRE

AUTORIA

EVELIN MOLINA DE MEDEIROS AMBROSIO

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O ATEU

Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem que era ateu. Naquele pequeno povoado onde morava não existia nenhum outro ateu igual a ele, de forma que o coitado vivia em grande isolamento. Mas era orgulhoso e não se queixava, mesmo quando se sentia mais solitário, por exemplo, nos dias de domingo em que todo o povo da terra ia ouvir missa e ele ficava vagando entre as árvores da praça; ou na véspera de Natal, quando as pessoas só se preocupavam com o Presépio e com a Missa do Galo. Tocavam os foguetes, os sinos repicavam, todo o mundo se alegrava e ia cear; mas o ateu declinava os convites que lhe faziam: não tendo rezado não se achava com direito à ceia, pois ele com ser ateu não deixava de ser honesto; trancava-se em casa e ficava de vela acesa, lendo um dos seus livros de ateísmo. E, se alguma das pessoas vindas de longe para assistir às festas naquele povoado, estranhava a silhueta do homem solitário a ler junto à fresca da janela e perguntava por que não estava ele na missa ou na ceia, o povo da terra explicava:

- Ele não pode, coitado. É o nosso ateu.

No mais, o ateu vivia como os outros. Trabalhava no seu ofício, plantava couve e orégano no quintal, criava dois cachorros perdigueiros e, à boca da noite, tomava parte na roda dos conterrâneos que conversavam sentados nos degraus do chafariz. E quando a conversa tocava em assunto de religião sempre havia um a observar:

- Você, que é ateu...

Não era para ofender que eles diziam isso, mas só porque era verdade; realmente todos na terra o estimavam, pois sendo ateu, era um bom ateu.

Mas então chegou um ano em que o nosso ateu, por diversas razões, parece que deu para se sentir ainda mais só. Esqueci de contar que ele era solteiro. Embora a cidade alimentasse um certo orgulho em possuir aquela singularidade - um ateu público -, as moças

não sentiam coragem de casar com um homem assim marcado e que, mal expirasse, iria decretado para o inferno. Veio uma peste canina e matou os dois cachorros perdigueiros; parecia castigo para mais agravar a solidão do pobre ateu. E os livros dele, de tão lidos e relidos, já não lhe contavam mais nada. De dia, o trabalho ajudava a fazer companhia; e de tarde tinha os amigos. Mas nessas eras antigas os homens eram muito religiosos e grande parte do tempo levavam na igreja: de manhã era a missa, de tarde o terço, de noite a novena e, a qualquer pequena festa, as procissões. E nessas horas numerosas em que toda a gente se metia na igreja, o ateu saía de casa, sentava à sombra do cruzeiro, sentia o cheiro bom do incenso queimando nos turibulos, e lhe dava uma certa vontade de entrar, de ver o dourado nas vestes dos santos, e escutar o belo latim do padre. Mas continha-se; que diria o povo se o visse lá dentro.

Outras ocasiões de inveja tinha-as nos dias de procissão, quando todos os seus amigos vestiam uma opa de seda colorida e iam carregar o andor, as varas do pátio ou os tocheiros acesos, e ele ficava nas esquinas, as mãos penduradas dos cotovelos, na sua roupa velha do diário. Então voltava a trabalhar, embora fosse dia de festa, e ninguém se escandalizava com isso pois todos compreendiam a sua condição de ateu, embora lhe lamentassem a desventura.

E foi aí, na altura do fim desse ano, apareceu uma moça - por sinal sobrinha do padre - que se apaixonou pelo ateu. Como começou ninguém sabe, mas o amor tem disso: vai passando uma moça pela rua, vê um homem que toda a vida viu, e de repente sente um baque no peito e está amando aquele homem. Ele a princípio ficou apenas enternecido ante os olhos que ela lhe punha, tão doces e amigos; mas depois, descobrindo-se amado - ele, a quem ninguém amava -, começou a amá-la também.

E todas as pessoas do lugarejo lamentavam os namorados, sabendo que não podiam pensar em casamento, que o padre não iria entregar a sua ovelhinha inocente às mãos de um ateu confesso.

Assim chegou o Natal e foi arrumado o Presépio e começou a romaria dos visitantes que iam beijar o pé do Menino. E a namorada do ateu deu de teimar para que ele a acompanhasse nessa visita obrigatória. Ele dizia que não e só com muito custo consentiria em entrar na sala e ficar a um canto, enquanto ela fizesse a sua devoção. Mas assim a rapariga não aceitava:

- Que é que custa um beijo? Você não me beija? Ele sorria:

- Mas você é gente, é de carne e eu lhe quero bem. O Menino, como vocês chamam, é um bonequinho de louça.

A moça argumentou que de louça também era a xícara que ele levava aos lábios e não lhe fazia mal nenhum. Ele então alegou o seu amor-próprio. Afinal era o ateu dali, o único. A moça nesse ponto começou a chorar, a dizer que se ele tinha mais amor-próprio do que amor a ela estava tudo acabado. O ateu se assustou com a ameaça e consentiu, embora constrangido. Acompanhou a moça triunfante; entrou na fila atrás dela, enfrentou os olhares de espanto. De um em um, os devotos paravam diante da manjedoura, dobravam o joelho, rezavam uma jaculatória e beijavam o pé do Menino. Chegou a vez da namorada que, feita a sua reverência e dado o beijo, virou-se e sorriu para o seu bom ateu, a fim de o animar. Ele correu o olhar em torno e viu em todos o mesmo ar de animação e esperança. Resolveu-se: dobrou o joelho áspero, curvou a cabeça sobre os pezinhos do santo. E sentiu debaixo dos lábios, não o frio da porcelana, mas o calor da carne, o movimento, a pulsação da carne. Ergueu os olhos assombrado. Encarou o Menino e viu que Ele lhe sorria radioso, e dos olhos lhe saía uma luz que jamais olhos de louça teriam.

Dizem que o ateu caiu no chão, com os braços em cruz, chorando e adorando. E naquela noite de Natal acabou-se o único ateu do povoado.

Mas dizem também que ele não se casou com a namorada. Não podia, pois largou tudo e foi ser frade.

Rachel de Queiroz

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

O conto é um texto narrativo que apresenta todos os elementos que compõem a narrativa, ou seja, tempo, espaço, poucos personagens, foco narrativo de 1ª ou 3ª pessoa e seu enredo se apresenta de forma condensada e sintética. Um dos elementos principais, o narrador é o elemento organizador de todos os outros componentes, responsável pela aproximação entre o que é narrado e o leitor do texto. O narrador pode ser:

- **Narrador-personagem:** atua como testemunha dos fatos narrados, podendo ser o protagonista da história (discurso em 1ª pessoa).
- **Narrador-observador:** Posiciona-se fora dos fatos narrados (discurso em 3ª pessoa). Ele conhece todos os fatos e, por não participar deles, narra com certa neutralidade, apresenta os fatos e os personagens com imparcialidade. Não tem conhecimento íntimo dos personagens nem das ações vivenciadas.
- **Narrador-onisciente** conta a história em 3ª pessoa e, às vezes, permite certas intromissões narrando em 1ª pessoa. Ele conhece tudo sobre os personagens e sobre o enredo, sabe o que passa no íntimo dos personagens, conhece suas emoções e pensamentos.

No conto que você leu, “*O Ateu*”, identifique qual o tipo de narrador, retirando um trecho do texto que comprove sua resposta.

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada

O aluno ao analisar várias passagens do texto, como

“Mas então chegou um ano em que o nosso ateu, por diversas razões, parece que deu para se sentir ainda mais só.”

“as moças não sentiam coragem de casar com um homem assim marcado e que, mal expirasse, iria decretado para o inferno.”

“Ele a princípio ficou apenas enternecido ante os olhos que ela lhe punha, tão doces e amigos; mas depois, descobrindo-se amado - ele, a quem ninguém amava -, começou a amá-la também.” deverá chegar à conclusão de que não se trata apenas de um narrador-observador, mas sim de um narrador-onisciente, pois ele conhece tudo sobre os personagens, inclusive suas emoções e pensamentos.

QUESTÃO 2

Outro elemento imprescindível numa narrativa curta como o conto é o **espaço** – o lugar físico onde se passa a ação narrada. Ele influencia diretamente no desenvolvimento do enredo, unindo-se ao tempo. Registre qual é o **espaço**, ou seja, onde se passa a história narrada no conto “*O Ateu*”.

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta comentada

O aluno deverá responder que a história se passa **num pequeno povoado**, como é mencionado várias vezes no texto.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

Outra figura de linguagem que podemos citar no texto é a antítese - recurso utilizado para aproximar palavras ou expressões de sentidos opostos. No trecho:

“E sentiu debaixo dos lábios, não o frio da porcelana, mas o calor da carne, o movimento, a pulsação da carne” que palavras se opõem quanto ao sentido construindo assim uma antítese?

Habilidade trabalhada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada

A antítese é construída através da oposição entre as palavras **frio** e **calor**, e talvez seria aceitável também se o aluno desse como resposta **carne** e **porcelana**, percebendo assim um confronto de ideias entre essas palavras.

QUESTÃO 4

Numa narrativa, podemos observar várias vozes (a do narrador e as das personagens) e que o envolvimento ou não das vozes das personagens no discurso do narrador determina que tipo de discurso foi utilizado: o direto ou o indireto. Vejamos a diferença entre eles.

No discurso direto, o narrador cede a fala à personagem e a reproduz integralmente, utilizando travessão ou aspas. Essa fala é, normalmente, acompanhada por um verbo de elocução, ou *dicendi*, seguido de dois-pontos.

Já no discurso indireto, o narrador incorpora a sua voz à fala ou ao pensamento da personagem.

Transcreva do texto uma passagem que exemplifique cada tipo de discurso a seguir:

Discurso direto:

Discurso indireto:

Habilidade trabalhada

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Resposta comentada

O aluno poderá dar como exemplo de discurso direto:

“...o povo da terra explicava:

- Ele não pode, coitado. É o nosso ateu.”

Para o discurso indireto seria aceitável esta dentre tantas outras presentes no texto:

“A moça argumentou que de louça também era a xícara que ele levava aos lábios e não lhe fazia mal nenhum.”

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 5

Reúna-se com seus colegas de classe e juntos construam um texto com as características do conto. Pensem em todos os detalhes: quem e quantos serão as personagens? Quem será o narrador, um narrador observador ou a personagem protagonista? Qual será o tema do conto, pois deverão escolher o título que seja enigmático e, ao mesmo tempo, possa

resumir a temática abordada. Não se esqueçam de no desenrolar da história determinar o tempo: psicológico ou cronológico.

O espaço ou ambiente onde ocorrerá a narrativa já foi escolhido: é o sugerido na imagem a seguir. Portanto, deem asas à imaginação e mãos à obra.



Habilidade trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

Resposta comentada

Nessa atividade, os alunos terão a liberdade de criar, a partir das perspectivas de cada um sobre a imagem, um texto narrativo com as características do conto. Essa questão fará os alunos debaterem, pelas diferentes leituras feitas da imagem, até chegarem a um senso comum a respeito da história que irão escrever.